



SOCIEDADE

Almada, um exemplo na Cimeira do Clima

04.12.2015 às 16h34



O projeto MultiAdapt da Câmara Municipal de Almada foi um dos 20 selecionados pela ONU para ser apresentado no Pavilhão das Cidades e Regiões, na Cimeira do Clima, que decorre em Paris. É um dos 30 projetos municipais de adaptação às alterações climáticas em marcha em Portugal como o **Expresso** avançou na edição de a 21 de novembro, que aqui republicamos



CARLA TOMÁS

Lidar com a erosão costeira, proteger os espaços urbanos e naturais de inundações e de ondas de calor, recuperar linhas de água e promover a agricultura de proximidade são as frentes do projeto de adaptação às alterações climáticas que a Câmara Municipal de Almada apresentou na Cimeira do Clima, a 1 de dezembro.

O projeto MultiAdapt foi um dos 20 selecionados pela Organização das Nações Unidas (entre mais de uma centena de propostas de todo o mundo) e servirá como um exemplo a seguir cá e noutros cantos do planeta em termos de resiliência e acomodação ao que aí vem. "O que propusemos são planos simples e de elevada capacidade de replicação a nível mundial", explica Catarina Freitas, diretora do departamento de Energia, Clima, Ambiente e Mobilidade da Câmara de Almada.

Uma equipa — juntando técnicos da autarquia e investigadores de várias universidades — pegou em estudos que apontam para cenários extremos como a quebra para metade da precipitação média, ou a possibilidade de chover copiosamente nos meses de dezembro a fevereiro; mas também noutros que indicam que as

começou a preparar a adaptação do concelho. "Os cenários de alterações climáticas foram integrados em todos os documentos e planos de ordenamento do território e outros planos municipais", esclarece Catarina Freitas, para quem, "não podemos escudar-nos nas incertezas dos modelos para não fazermos nada".

DOS TELHADOS VERDES ÀS HORTAS URBANAS

Entre as medidas já equacionadas em Almada constam a minimização das "ilhas de calor", privilegiando a adoção de telhados brancos, para atenuar a temperatura nos edifícios, ou de coberturas verdes, para melhorar a infiltração das chuvas; mas também a criação de corredores verdes e de hortas urbanas no espaço público para minimizar cheias e garantir a recuperação da população em caso de uma calamidade.

Na frente costeira, as tempestades "Hércules" e "Tiffany" - que deixaram as praias da Costa da Caparica sem areia e um rasto de destruição, em 2014 - contribuíram para que outras intervenções fossem planeadas.

Em março, o município avançou com a renaturalização do sistema dunar e a colocação de 100 mil plantas fixadoras de areia. "O projeto Reduna teve um investimento de 220 mil euros e efeitos muito mais positivos do que a alimentação artificial de areia feita pela Agência Portuguesa do Ambiente, que custou cinco milhões", afirma Catarina Freitas. E, acrescenta: "É uma lição a reter", quando dois terços da linha costeira do país enfrenta a ameaça de erosão devido à perda de sedimentos e à subida do nível do mar.

26 DÃO PRIMEIROS PASSOS

"A Câmara de Almada e a de Cascais são das que mais medidas de adaptação às alterações climáticas têm implementado e mais estratégias têm transferido para os instrumentos de ordenamento do território", atesta Gil Penha-Lopes, coordenador do projeto ClimaAdaPT.Local.

Liderado pelo centro de investigação CCIAM/CE3C da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, este projeto tem como objetivo desenvolver estratégias de adaptação em 26 municípios, a que se juntam como parceiros Almada, Cascais e Sintra.

O ClimaAdaPT.Local conta com 1,5 milhões de euros, provenientes de um pacote de 3,5 milhões de euros do Programa AdaPT, gerido pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA) e financiado pelo EEA Grants (fundo proveniente da Islândia, Liechtenstein e Noruega (85%) e pelo Fundo Português de Carbono (15%).

...analisar, face aos cenários apresentados para 2030 e 2100, e identificar as opções para reduzir essas vulnerabilidades", explica Gil Penha-Lopes. O passo seguinte é "avaliar e orientar a transposição destas opções para os respetivos instrumentos de gestão territorial".

Entre as fragilidades detetadas encontram-se o aumento de riscos associados a inundações, incêndios florestais, erosão costeira, afetação de potencial turístico, ou o decréscimo do fluxo de água nos rios, com consequências para o abastecimento público ou para a irrigação agrícola.

Para fazer face a estas vulnerabilidades, há ainda outros cinco projetos sectoriais financiados pelo AdaPT, que deverão estar concluídos até abril de 2016. O GestAqua é um deles. Incide sobre a gestão das albufeiras de Monte Novo e Vigia, que abastecem de água o concelho de Évora e tem como parceiros a Universidade de Aveiro, a empresa Águas do Centro Alentejano e o instituto norueguês Vestlandsforskning.

"O projeto ainda está no início, mas a ideia é prever a quantidade de água que estará disponível nas albufeiras consoante os diferentes cenários e definir como se vai gerir cada uma para fazer com que dure mais tempo em cenários de seca", esclarece João Pedro Nunes, investigador da Universidade de Aveiro.

CASTELO DE BODE AGUENTA-SE

Preocupada com as possíveis consequências das mudanças do clima no abastecimento de água a três milhões de portugueses, esteve também a EPAL. Mas, um estudo, desenvolvido entre 2010 e 2014, concluiu que "a albufeira de Castelo de Bode tem características naturais que lhe permitem aguentar", garante Ana Luís, responsável pelo planeamento da EPAL.

Mesmo com uma redução de 14 a 18% da precipitação e com uma redução das aflúncias de água que pode chegar a 34%, o cenário mais negro aponta para que se verifique "no final do século o equivalente ao que aconteceu na seca vivida em Portugal em 2005", acrescenta Ana Luís. Apesar "dos cenários confortáveis", a empresa optou por equacionar desvios e desenvolver projetos para reutilização de água e abertura de novos furos, assim como desenvolver indicadores que sinalizam trimestralmente limiares de alerta.

A pouco e pouco vão surgindo novos projetos de adaptação em várias frentes. Um deles, desenvolvido na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, como conta o investigador Moutinho Pereira, descobriu que "a aplicação de uma argila esbranquiçada sobre as folhas da videira permite arrefecer as folhas e refletir a luz,